

HISTÓRIA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA ADVENTISTA NO ESTADO DE SÃO PAULO: 1920-1940

Carlos Roberto de Oliveira Sobrinho¹
Elder Hosokawa²
Gabriel Felipe Terres Rigo³

RESUMO

A educação e história adventista contaria com um conjunto de textos de aparato historiográfico pontualmente relacionado à denominação: Azevedo (2004); Hosokawa (2001); Knight (2000; 2010); Schünemann (2005; 2009); Timm (2004); White (2007). O grupo que compreende a bibliografia complementar abrange: ensino protestante; história da educação brasileira e paulista; entusiasmo e nacionalismo republicano. O objetivo da referente pesquisa consiste em caracterizar e inventariar documentos sobre a dinâmica inicial do sistema adventista de educação primária, dentro de suas predefinições espaciais e temporais (São Paulo, 1920-1940). Simultaneamente, intencionou-se retratar o funcionamento dessas instituições, em vínculos pontuais com a filosofia cristã adventista, fundamentada em White.

Palavras-chave: Educação primário. Educação Adventista. História

HISTORY OF THE ADVENTIST PRIMARY EDUCATION IN THE STATE OF SÃO PAULO: 1920-1940

ABSTRACT

Adventist education and history would rely on a set of historiographical texts specifically related to the denomination: Azevedo (2004); Hosokawa (2001); Knight (2000; 2010); Schünemann (2005; 2009); Timm (2004); White (2007). The group that comprises the complementary bibliography covers: Protestant teaching; history of Brazilian and São Paulo education; republican enthusiasm and nationalism. The objective of this research is to characterize and inventory documents about the initial dynamics of the Adventist primary education system, within its spatial and temporal predefinitions (São Paulo, 1920-1940). At the same time, the intention was to portray the functioning of these institutions, in specific links with Adventist Christian philosophy, based on White.

Keywords: Primary education. Adventist Education. History

Editor Científico: Ellen Nogueira Rodrigues
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Recebido em 11.06.2023
Aprovado em 23.10.2023

¹ Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, São Paulo, (Brasil).

² Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, São Paulo, (Brasil). E-mail: ehosokawa@ig.com.br

³ Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, São Paulo, (Brasil).

Como citar: Sobrinho, C. R. de O., Hosokawa, E., & Rigo, G. F. T. (2023). História educação primária adventista no estado de são paulo: 1920-1940. *Docent Discunt*, Engenheiro coelho (SP), v. 4, p. e01594. <https://doi.org/10.19141/2763-5163.docentdiscunt.v4.n1.pe01594>

Introdução

Incorporado na temática histórica do ensino, o objeto deste estudo trata da educação adventista de nível primário, entendida enquanto instituição confessional livre, em um processo de formalização das escolas. O recorte temporal está delimitado entre dois marcos significativos para o ensino adventista paulista: 1920, com a criação da Escola Modelar junto ao Seminário Adventista, ou chamado Colégio Adventista (HOSOKAWA, 2001. p. 102, 190), até 1940, com o primeiro Relatório Bienal de Educação da Associação Paulista (REBEAP) detalhado sobre a educação no Estado (REBEAP, 1940). A especificação espacial no Estado de São Paulo é amparada na circunstância de disponibilidade de documentos para análise, pertencentes à Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD).

A IASD teve seu impulso original nos Estados Unidos, em meados do século XIX, derivando do movimento de William Miller (1782-1849)¹. Três pioneiros lideraram o desenvolvimento primário desta denominação: o casal Tiago S. White (1821-1881) e Ellen G. White (1827-1915) e o capitão de navio Joseph Bates (1792-1872). O início oficial da estruturação administrativa da IASD aconteceu em 21 de maio em 1863, em Battle Creek, Michigan (EUA), conduzida por John Byington (1798-1887), líder da Associação Geral. Os adventistas creem no iminente retorno de Cristo, observam o dia sábado como descanso semanal, procuram um estilo de vida saudável e enfatizam a importância da educação cristã (KNIGHT, 2000; HOSOKAWA, 2001).

A IASD deu início a criação de escolas nos lares, de caráter doméstico e informal, em Buck's Bridge, New York, em 1853 com a iniciativa de Martha Byington. Já em 1874, foi criada a Sociedade Educacional Adventista do Sétimo Dia que inaugurou, no ano seguinte, a primeira estrutura escolar oficialmente patrocinada, o Battle Creek College, Michigan. Esta escola se tornaria ponto de partida para o crescente interesse dos adventistas na oferta de uma educação cristã, seja para o preparo missionário, ou como educação de crianças na formação espiritual e denominacional (KNIGHT, 2000).

Tendo se destacado como fundadora do movimento adventista, Ellen G. White publicou centenas de cartas, artigos e vários livros referenciais para a denominação (DOUGLAS, 2001). Ela introduziu um conceito amplo de educação baseado na centralidade da Bíblia, na necessidade de professores cristãos convertidos, no valor da natureza, na importância do trabalho manual e da instrução sobre fisiologia (WHITE, 2007)

Em 1872 Ellen G. White começou a escrever especificamente sobre o ensino cristão, em um texto conhecido como “A Devida Educação” (WHITE, 2007). Um livro clássico desta autora, “Educação” de 1903 (tradução em 1937 pelo professor Flávio L. Monteiro). White tratou de orientações sobre fundação de escolas, manutenção de colégios, metodologia de ensino, didática, espiritualidade aplicada a formação, entre outros temas (WHITE, 1994; 1996).

Em 1874, John N. Andrews (1829-1883) encabeçou as missões estrangeiras na Europa e deu início a expansão missionária adventista ultramar. Nesse cenário, por volta de 1880, as publicações adventistas começaram a chegar ao Brasil através de literatura alemã, impressa nos Estados Unidos e remetida para os portos brasileiros, por iniciativa de William Ings a partir do porto de Southampton, Inglaterra (KNIGHT, 2000; LAND, 2005). A IASD adentrou efetivamente ao Brasil em 1893, através de missionários teuto-americanos oriundos da Europa e América do Norte, estabelecendo formalmente a sua pregação na última década do século XIX no país (HOSOKAWA, 2001).

O desenvolvimento inicial da Educação Adventista se deu no século XIX que foi marcado por um grande influxo migratório europeu, em grande parte protestante para a região centro-sul brasileira, conferindo uma considerável inserção cultural-religiosa, como no caso alemão com assentamentos confessionais luteranos (KREUTZ, 2000; 2010; SCHÜNEMANN, 2009).

Por ocasião da instauração da República em 1889, o Brasil com aproximadamente 14 milhões de habitantes, caracterizava-se como uma população de 80% em situação de analfabetismo (FERREIRA; CARVALHO, 2014). Nesse sentido, o protestantismo já se revelava como um instrumento expressivo em sua contribuição educacional, como observado na implantação de escolas étnicas alemãs (KREUTZ, 2000; 2010). No Estado de São Paulo, esta composição de ensino é principiada através de missionários luteranos, metodistas, presbiterianos e batistas (VIEIRA, 2002).

A articulação da IASD no Brasil é vinculada, primariamente, entre estes imigrantes europeus. A presença adventista no Estado de São Paulo se iniciou em 1893 com o trabalho de Augustus B. Stauffer (1859-1926). Com sua chegada, em maio de 1893 ao porto de Santos, foram introduzidos livros nas colônias alemãs do interior de São Paulo, servido por ferrovias que facilitaram a difusão de grupos e igrejas em núcleos imigratórios. As primeiras congregações adventistas surgiram em Rio Claro, Piracicaba, Nova Europa, São Paulo, Itararé, Santo André e Santo Amaro (HOSOKAWA, 2001; VIEIRA, 1995).

Em Piracicaba o professor Guilherme Stein Jr. (1871-1957) conheceu o adventismo, se tornando o primeiro membro batizado no país, em 1895. A educação adventista surgiu no ano seguinte, em 1896, com a criação do Colégio Internacional de Curitiba, na capital paranaense, uma iniciativa do pastor Huldreich F. Graf e do professor Guilherme Stein Junior (HOSOKAWA, 2001; VIEIRA, 1995).

A criação de escolas no Brasil durante a transição do século XIX para os primórdios do XX, como uma herança de costume protestante fundamentalista, foi quase imediata à fundação de igrejas, principalmente na região sudeste e sul (SCHÜENEMANN, 2009, p. 77; SANTOS, 2007). A preocupação com a instrução dos filhos conduziu os membros das igrejas a enxergarem uma alternativa de manutenção da sua cultura cristã para as crianças e jovens da influência externa. Diante disto, é plausível conjecturar que a educação estava intimamente ligada as práticas religiosas, sendo essas escolas intituladas como “paroquiais”, justamente por estarem anexas aos templos (SANTOS, 2007, p. 125, 131-132).

A IASD despertou voluntários que desejavam ensinar crianças dentro de sua confessionalidade. Como os primeiros conversos da IASD eram de origem germânica, estes mantinham próprias escolas, na quase ausência da rede pública, nos primeiros anos de inserção da denominação no Brasil. Essas escolas paroquiais de nível primário, foram fundamentais para a preservação da identidade adventista. (SCHÜENEMANN, 2005; 2009, p. 77). Nesse contexto, Roberto Azevedo (2004) acentua a relevância deste modelo educacional, mediante a notável preocupação dos dirigentes da denominação com a proporção de crescimento “igreja-escola”, que deveria estar em equilíbrio.

O advento da república brasileira impulsionou o desenvolvimento e crescimento da instrução pública, com maior potência nos Estados do Distrito

Federal, Minas Gerais e São Paulo (NAGLE, 1976, p. 113-143, 207-220). O pensamento liberal republicano crescente no país percebia a educação como fundamental para o desenvolvimento econômico, político, social e cultural do país. Esse discurso deu força para a implantação de escolas rurais e urbanas. As décadas subsequentes foram marcadas pela exaltação ao ensino primário como um mecanismo de capacidade libertadora, já que o analfabetismo passou a ser tratado como um sério problema para o desenvolvimento individual e democrático (OLIVEIRA; SILVA, 2002, p. 2-3).

Em alto grau foi transmitido ao ensino um espírito de salvação e progresso do indivíduo e da pátria. A projeção deste sentimento na sociedade foi chamado e identificado por Nagle (1976, p. 113-141) como “desenvolvimento do entusiasmo pela educação e do otimismo pedagógico”. Esse novo ímpeto educacional foi associado ao discurso de apelo nacionalista. Na intenção de desenvolver uma identificação nacional por um sentimento de apego, começando pelos discentes brasileiros, foi constituído o movimento que se intitulou de “nacionalização do ensino” (KREUTZ, 2010; NAGLE, 1976, p. 231).

A essência deste processo, movido pelo entusiasmo e nacionalismo, acarretou numa crescente dinâmica de incentivo e de padronização escolar privada e pública, aplicada em grande parte do território nacional. De maneira evidente, esta conjuntura é designada como o núcleo formativo do procedimento que pressionou a efetivação de adequações educacionais, movendo as instituições à regularização da rede pelos órgãos públicos. Nesse contexto, é possível vislumbrar a força inicial que viabilizou um pulso de formalização que se desdobrou na primeira metade do século XX, transformando escolas livres e informais em unidades oficializadas e redes de ensino sistematizadas (MARCONI; NETO, 2012; OLIVEIRA; SILVA, 2002; MARCÍLIO, 2005; NAGLE, 1976).

Este ensaio admite por pressuposto a possibilidade da organização adventista primária, fazer parte deste panorama. A problemática central que foram desenvolvidas nesta pesquisa se concentram nas seguintes questões: Em que medida o contexto educacional nacional e local impactou na rede escolar adventista paulista e como elas refletiram o entusiasmo e nacionalismo republicano pela educação?

Metodologicamente, foram vinculadas a utilização da revisão bibliográfica e da pesquisa documental, em um exercício de natureza descritiva. Os materiais consultados variam entre livros, artigos, teses, dissertações, revistas

denominacionais, relatórios de reuniões, jornais privados e oficiais da capital paulista. É possível classificar o repertório de fontes nos seguintes grupos e denominações: fontes primárias; história adventista e educação; complementares.

A disposição dos documentos como fontes primárias, variam entre: fotografias; a base de dados da Hemeroteca Nacional do Rio de Janeiro; Relatórios da Associação Adventista Paulista (REBAP); a coleção digitalizada da revista adventista de posse da CPB. Como foi utilizado fotografias do período, foi feito uso da obra de Boris Kossoy (1989), pioneiro ao trabalhar as relações entre História e fotografia. Este pesquisador, valoriza a fotografia enquanto importante fonte de informações do cotidiano do passado. Ele propôs uma metodologia para pesquisa e análise deste suporte.

Dentre os documentos primários, destaca-se como documento preponderante os REBAP's, que consistem em uma narrativa de ações consolidadas, apresentadas em reuniões administrativas da IASD que aconteciam a cada dois anos, intituladas "bienais", a partir de 1924 com lacuna de dados em 1930 e 1932. O acesso a esse tipo de documento, de posse da IASD, foi determinante para a delimitação espacial no Estado de São Paulo.

A educação e história adventista contaria com um conjunto de textos de aparato historiográfico pontualmente relacionado à denominação: Azevedo (2004); Hosokawa (2001); Knight (2000; 2010); Schünemann (2005; 2009); Timm (2004); White (2007). O grupo que compreende a bibliografia complementar abrange: ensino protestante; história da educação brasileira e paulista; entusiasmo e nacionalismo republicano.

O objetivo da referente pesquisa consiste em caracterizar e inventariar documentos sobre a dinâmica inicial do sistema adventista de educação primária, dentro de suas predefinições espaciais e temporais (São Paulo, 1920-1940). Simultaneamente, intencionou-se retratar o funcionamento dessas instituições, em vínculos pontuais com a filosofia cristã adventista, fundamentada em White.

Em 1915, o Seminário Adventista, também conhecido como Colégio Adventista se tornou a primeira instituição escolar denominacional estabelecida no território paulista. Pela necessidade de estágio para as estudantes normalistas, criou-se em 1920 a Escola Modelar, a primeira iniciativa que deu origem a rede de escolas primárias no Estado de São Paulo (HOSOKAWA, 2001).

Consoante as problemáticas e objetivos, já apresentados, o desenvolvimento do tema é proposto em quatro unidades. O primeiro tópico, “Seminário Adventista e Escola Modelar”, anexada ao Seminário Adventista, pressupõe esta escola primária como um perfil possivelmente refletido nas demais instituições, sendo um campo de estágio para as normalistas e futuras professoras.

As duas unidades abordam o funcionamento dessas escolas, tanto que ambos possuem o mesmo título, “Caracterização da Escola Paroquial Adventista em São Paulo”, variando em subtítulos. O tópico dois se retém na exploração de Fotografias, Jornais e da Revista Adventista. Já a unidade três foca na observação das REBAP’s, pontuando algumas convergências ao discurso educativo de Ellen G. White. Encerrando o período estudado, o quarto e último tópico, “Relatório Bienal de Educação em 1940 e a Oficialização das Escola Primárias”, se vincula mais diretamente as problemáticas propostas, buscando traçar as possibilidades de conexão entre a legalização das escolas adventistas em São Paulo e o processo de entusiasmo republicano e nacionalismo pela educação.

Seminário adventista (1915) e escola modelar (1920)

A transferência, em 1907, da editora adventista de Taquari, RS para São Bernardo, hoje Santo André, SP, favoreceu o início do evangelismo nas proximidades da capital paulista. A existência de colônias de imigração nas imediações de São Paulo atraiu colportores e missionários para um grande esforço missionário na região de Santo Amaro no final de 1913. A IASD de Santo Amaro foi organizada em 1914 e um casal converso, Pantaleão e Maria Theisen, vendeu em 1915 uma propriedade de 60 alqueires para a implantação do Seminário Adventista. (PA, [1916, 1917]).

A primeira iniciativa que definiu o ensino no Estado de São Paulo e formou docentes para essa rede de escolas foi a criação da Escola Normal Caetano de Campos, no final do século XIX. Planos foram feitos para a estruturação de um curso de formação docente em 1918, no Seminário Adventista, mas a guerra e a legislação brasileira nacionalista provocaram a substituição da diretoria local, devido sua forte ligação com a Europa (PA, 2018). Foi contratada uma recém-formada estudante da Escola Normal Caetano de Campos, a professora Albertina Rodrigues Simon para

atender a legislação educacional e o pastor T. W. Steen veio dos Estados Unidos para assumir em 1918, a diretoria da instituição (SIMON, 1991).

Os planos para a criação do Departamento Normal se concretizaram em 1920, sob a direção da professora Golda Murray (PA, 1919; 1920; 1921). Seu marido, pastor Walter E. Murray, foi o primeiro “secretário da instrução”, mais tarde conhecido como “Departamento de Educação”, da “Missão São Paulo”, convertida em 1922 em “Associação Paulista”. Logo os esforços foram unidos com as docentes Mable F. Patterson e Mrs. J.D. Hardt. Um total de 14 crianças, sete meninos e sete meninas, foram matriculadas. Além do currículo nacional, essas professoras norte-americanas, também, incluíram conteúdos de sua formação nos Estados Unidos. Todos eram filhos de missionários e moradores do Capão Redondo, no entorno do Seminário Adventista (ROSA; SILVA, 2006; DIAS, 2015).

As duas filhas do diretor, Ramona e Ramira foram estudantes até 1927, justificando o interesse administrativo para que o curso Normal livre atendesse o currículo nacional e norte-americano. A professora Margaret M. Steen, esposa do diretor, implantou simultaneamente um Departamento de Música que deu importante contribuição na formação musical dos estudantes do seminário, tanto instrumental quanto vocal, com a organização do Coro Miriã, de quarteto e conjuntos vocais (DIAS, 2015; PA, 1920).



Figura 1. Escola Modelar do Seminário Adventista em Santo Amaro. c. 1920.
Fonte: Vistas do Seminário Adventista. Santo Amaro, São Paulo, Brazil, p.11. [1921].

O prospecto do Seminário Adventista e o jornal estudantil “O Seminarista” de 1921 publicaram uma foto (Figura 1) ilustrando a criação da Escola Modelar. O edifício, nomeado Lar das Moças, mais tarde, dormitório feminino, foi construído em 1920 com doações mundiais da IASD. Anexo ao prédio foi construída a capela e o refeitório do Seminário, indicando a representação da mulher ao cuidado dos filhos e provisionamento diário do alimento do lar (DIAS, 2015).

A primeira colação de grau oficial do curso Teológico (ministerial) e Normal aconteceu no final de 1922 com a formatura de quatro professoras: Thereza Phillonila Santos [Assumpção], da Bahia; Isolina Rodrigues [Waldvogel] do Rio Grande do Norte; Adelina Zorub, imigrante da Síria, filha de missionário pioneiro do Oriente Médio que se estabeleceu nas imediações do Seminário; Alma Meyer [Bergold]; filha de missionário norte-americano na região sul e sudeste do Brasil. Três se tornaram professoras e uma enfermeira (PA, 1923; TONETTI, 2020).

Em 1923 Thereza, recém-formada normalista, se tornou docente primária do Seminário Adventista e lecionou na Escola Modelar, dando início a uma sucessão de professoras, quase todas nacionais, que fundaram e estruturaram a nascente rede adventista de educação em São Paulo. Thereza iniciou a Escola Adventista do Brás, nas dependências da IASD de São Paulo, capital, hoje Colégio Adventista da Liberdade; mais tarde, em Salvador, criou a primeira escola adventista do nordeste, atual Colégio Adventista de Itapagipe, Salvador, Bahia. Ambas as escolas caminham para o seu centenário de fundação. As primeiras formandas normalistas começaram o seu magistério na década de 1920, iniciando as escolas primárias. Modelar (1920), de Santo André (1923) de São Paulo (Brás/Liberdade, 1923), de Itararé (1925), de Palmares (1926), de Água Bonita (região rural de Assis, 1929). As duas últimas escolas tiveram curta existência (HOSOKAWA, 2001; PA, 1923; DIAS, 2015).

Ainda na figura 1, a fotografia mais antiga existente, mostra crianças em um jardim externo, o que indica a existência de atividades curriculares que viriam a ocorrer, também, fora da sala de aula. Além disso, outro fato indicativo a respeito da variedade de ocupações que os alunos eventualmente poderiam estar envolvidos, é que a escola foi reportagem, anos mais tarde, em um jornal paulistano, mostrando crianças uniformizadas em atividades práticas e de observação em horta, leiteria, departamento industrial de processamento de suco de uva e mel (CORREIO PAULISTANO, 1949, p. 12).

O relatório da Associação Paulista de 1936, passou a registrar a existência da “[...] escola primária do Collegio [...]”, identificando-a como pertencente a rede educacional da Associação Paulista (REBAP, 1936, p. 2).

Aparentemente, a Escola Modelar é excluída de alguns dados gerais sobre as demais instituições paroquiais, mas incluída em outros. Provavelmente, isso ocorra devido sua ligação financeira e administrativa com o Colégio Adventista, já que é

constantemente apresentada como a “Escola do Collegio”; (REBEAP,1940, p. 2) Isso explicaria a incoerência apresentada no próprio REBAP de 1934, variando em número entre duas e três instituições ativas entre 1930-33 (REBAP,1934, p. 11, 14).

Na era Vargas houve um esforço para transformar as escolas livres em escolas oficializadas e a Escola Modelar, do Seminário Adventista, que passou a ser conhecida após o final da gestão de Steen como Escola Primária, se adequou as normas oficiais e em 1939 oficializou o curso Ginásial (HOSOKAWA, 2001).

O estudo da história da escola do departamento normal proporciona um indicativo sobre sua relação com as demais instituições primárias adventistas em São Paulo. Entendendo o seu papel de escola modelo, por isso a titulação “modelar”, é possível obter um vislumbre da base sobre a qual as demais escolas estariam surgindo. Isso se torna ainda mais evidente na proporção em que, é lembrado que as demais instituições de ensino receberão professoras formadas neste local. Portanto, as escolas primárias paulistas, em alguma medida, deveriam refletir essa instituição modelo.

Escolas primárias adventistas: caracterização através de fotografias e da revista adventista

O cotidiano das escolas paroquiais adventistas foi estudado por Genival Araújo (2002) e Eleni H. Wordell (2000) e ambos refletem sobre as práticas didáticas e disciplinares em escolas paroquiais no Estado de Santa Catarina. São poucas as descrições na Revista Mensal mais tarde em 1919 chamada Revista Adventista sobre o dia a dia dessas escolas (LIMA, 2010) e menos ainda no Estado de São Paulo. As fotos de época de periódicos denominacionais são importantes documentos e fontes para identificação de elementos da rotina escolar, que indicam semelhança com mobiliário e peças exibidas frequentemente nas escolas públicas e privadas da época.

No Diário Oficial do Estado de São Paulo são apresentadas dezenas de notas a partir dos anos 1930 indicando escolas primárias adventistas escaladas para a realização dos exames finais com a presença de inspetor nomeado pela Secretaria de Educação (Diário Oficial, 1936). O Diário Oficial publicou a existência dessas escolas livres que progressivamente foram sendo criadas. Algumas escolas como a de Rio Claro fecharam e reabriram anos mais tarde, em 1996, apagando-se o registro

dos primórdios na memória local, existindo apenas referências nas atas, relatórios e registro no Diário Oficial do Estado de São Paulo.

Consta na Revista Adventista alguns artigos que relatam sobre as escolas paroquiais, ao que tudo indica, vem da expressão *parish*, “paróquia”, na Inglaterra e nos Estados Unidos referia-se as escolas de igrejas protestantes. No Brasil, a palavra paroquial foi pouco utilizada por lembrar um termo católico. Progressivamente, na década de 1940, escola paroquial foi substituída por “escola de igreja” ou “escola primária”. No discurso do Oliver Montgomery, na reunião mundial da IASD em 1930 definiu o papel da escola de igreja:

A escola parochial é designada por Deus, não para preencher um lugar secundário no systema educativo. Não poderemos pôr demasiada emphase neste assumpto. A fim de apreciar o seu valor, precisamos reconhecer immediatamente que occupa um lugar de primeira importância. Seu trabalho é fundamental (LUNDQUIST, 1934, p. 6-7).

No mesmo relato observa que a educação paroquial tinha como finalidade suprir as necessidades dos lares adventistas. Essas escolas cresciam em relevância para a IASD. Montgomery expressa o pensamento de Ellen G. White sobre a importância da escola para a membresia, ou seja, deveria haver em cada igreja uma escola paroquial atendendo a comunidade local:

Antigamente o lar era a escola; os paes eram os professores. Em nossos dias o lar não pôde attender a todas as necessidades educativas da criança. O pae não pôde prover todo o seu ensino. O professor torna-se o alliado dos paes, fazendo pela criança aquillo que os paes deveriam, mas não podem fazer. Assim o professor da escola parochial é o alliado ou auxiliar dos paes de cada lar da egreja (LUNDQUIST, 1934, p. 6-7).

Para a criação de uma escola de igreja, Harry Lindquist recomendava a formação de uma “Associação dos Paes e Mestres”, composta por um presidente, vice-presidente, tesoureiro e secretário, que tinha como objetivo estabelecer e garantir o funcionamento da escola. As escolas paroquiais, deveriam ser normatizadas por regulamentos e reuniões mensais. Os membros seriam eleitos a cada final de ano. Essas diretrizes e especificações de funcionamento tratavam principalmente dos valores espirituais e educacionais que norteariam as práticas de

História educação primária adventista no estado de são paulo: 1920-1940

ensino. Eram sugeridos materiais de leitura e aprofundamento sobre o tema (LUNDQUIST, 1934, p. 6-7).

Existe o relato da professora Otília F. Silva, da Escola Primária Adventista de Santo Amaro fundada em 1932, com descrição física e caracterização da sala de aula, na qual ela lecionava:

Gozamos de privilégios dos quaes, talvez, infelizmente, estejam privados muitos de meus collegas: A nossa sala de aulas é clara, ampla e bem arejada. Temos todos os mappas e quadros necessários para o ensino actualmente ministrado aqui. Ao lado do edificio escolar, bem como nos fundos, ha uma area bastante grande, usada para gymnastica e jogos escolares. O progresso que se nota em geral, não é obra do acaso, mas sim um trabalho de abnegado sacrificio da parte de alguns paes e outros irmãos componentes desta igreja. Merece menção especial o nosso prezado ancião Germano Ritter, a quem se deve a iniciativa de todo o trabalho desta escola e que continua com denodado esforço velando pelo bem geral do trabalho de Deus neste logar. Toda a honra, louvor e gloria sejam dadas a Deus pela Sua infinita bondade usada para comnosco. Desejo que estas breves noticias estimulem os caros collegas a continuar lutando com incansável esforço na nobre faina do magistério (SILVA, 1935, p. 15).

A figura 3 ilustra a Escola Primária Adventista de Santo Amaro, onde lecionava a professora Otília, e continua relatando:

A primeira matricula feita nesta escola attingiu a 23 alumnos. A segunda alcançou 34. A terceira foi de 36. No anno corrente temos uma matricula de 37 alumnos e até o presente assistem regularmente ás aulas, 30 (SILVA, 1935, p. 15).

Percebe-se o funcionamento dessa classe anexa à igreja, nos mesmos espaços de reunião das crianças aos sábados.



Figura 3. Escola Primária Adventista de Santo Amaro. c. 1932.



Figura 4. Escola Adventista de Avencas, Marília. São Paulo. 1942.

Há menções na Revista Mensal da existência de horta nas imediações do pátio da escola/igreja onde também aconteciam as atividades de recreação, lazer nos intervalos. Na figura 4. é possível visualizar edifício de madeira. Presume-se reuniões externas para o canto dos hinos pátrios, religiosos, saudação às autoridades que inspecionavam as escolas periodicamente. A sala de aula abrigava estudantes das mais diferentes idades, aparentando 7 aos 12 anos, mostrando crianças com 3 anos e adolescentes com quase 15 nós. Presume-se diferentes série em funcionamento simultâneo sob a regência de uma docente. Na década de 1930-1940 a Revista Adventista com frequência, mostrou imagens de escolas adventistas espalhadas pelo Brasil com o padrão de um docente, geralmente professora, acompanhadas por membros (pastor, ancião, pais) por ocasião da inspeção do governo ou do departamento de educação da IASD. E muitas dessas fotos revelam uma matrícula variando entre 20 e 30 estudantes de ambos os sexos, de idades diferentes, mas predominando em torno de 10 anos, com mais meninos do que meninas.

No caso da Escola Adventista de Avencas, Figura 4. localizada em área rural de Marília, interior paulista, a presença de crianças não adventista é notada pelos filhos de imigrantes japoneses que não eram membros, mas buscavam a instrução adventista pela escassez de ofertas de escolas públicas nas áreas rurais onde as escolas adventistas se localizavam.

Parte das crianças usam uniforme escolar e estão presentes adultos membros da comunidade na escola. As imagens sugerem que nem a professora é solteira. Os filhos acabam participando das atividades escolares. Ainda é possível notar a predominância das mulheres sobre os homens na docência. A imagens de escolas rurais adventistas indicam crianças descalças e o uniforme aparenta o utilizado em reuniões religiosas que aconteciam aos sábados.

Caracterização das escolas nos relatórios bienais e Ellen G. White

Desde o primeiro informe, em 1924, já há menções sobre a existência de um fundo destinado a educação, seja por alvo de arrecadação ou por contabilidade do que já havia sido investido. Variando entre “536.800” mil réis (1935) e “25:349.500” contos de réis (1938-39), sendo respectivamente o valor mais baixo e o mais alto, estas quantias passam por variações proporcionais, mínimas e gritantes, em acompanhamento ao número de escolas durante todo o período 1924-39 (REBAP, 1924, p. 6, 9; 1934, p. 11; 1936, p. 12, 14; 1938, p. 5; 1940, p. 3, 12).

A partir de 1938, os relatórios constam saldos especiais apenas para aquisição de equipamentos escolares, inclusive através de campanha liderada por docentes (1938, p. 5; 1940, p. 12; REBEAP, 1940, p. 5). Em relação aos professores, o primeiro recurso como uma reserva destinada para eles, apresentado dentro de um fundo coletivo, a partir de 1938, é chamado de “Pró-Professores”. Os documentos deixam uma incógnita com relação a tal investimento, não apontando a finalidade mas podendo ser relativos a formação, contratação ou pagamento de professores (REBAP, 1938, p. 10; 1940, p. 14).

É costumeiro e nitidamente percebido, nas narrativas a frequente menção dos professores no mesmo contexto dos obreiros bíblicos e missionários. Logo, é plausível inferir que os docentes poderiam ser entendidos como espécies de “missionários”, demonstrando os laços entre as escolas e visão evangelística da IASD paulista (REBAP, 1926, p. 8; 1936, p. 2).

Otilia Fritsch considerada como uma das primeiras professoras adventistas de São Paulo, pode ser notada como uma forma de “personificação” desta ideia, através de sua trajetória explicitada nos relatos de 1924-36. Seu nome surge como uma das delegadas da assembleia de 1924. Na sequência é apresentada como uma missionária credenciada, ainda no mesmo relatório. Otilia, já com sobrenome “da Silva”, somente retorna a ser mencionada no relatório de 1936, agora como professora de escola paroquial. Essa personagem concentra em sua história o “perfil modelo”, missionário-professor, dos docentes da IASD paulista no período pesquisado (REBAP, 1924, p. 1, 11; 1936, p. 2).

Da mesma forma que os docentes são entendidos como missionários, é inserido como responsabilidade de trabalho dos próprios obreiros, também, a criação de escolas, conforme consta no informe de 1936: “[...] um obreiro que não organizar uma escola paroquial onde trabalha, está falhando em seu trabalho [...]” (REBAP, 1936, p. 2). Isso reforça o caráter evangelístico no qual a educação estaria envolvida.

Essa movimentação educacional possui uma tônica endereçada a juventude, não apenas como público estudantil, mas como futuros professores e/ou missionários. Portanto, se assume um propósito específico para o ensino, segundo a intenção de crescimento da rede escolar, o qual consiste em preparar os jovens desde o primário para assumir, também, futuros postos como docentes e missionários adventistas. Porém, esse objetivo abrange mais do que apenas a sustentação futura das escolas, mas alcança um âmbito denominacional. Compreendida como a “igreja do amanhã”, a juventude deveria ser treinada, através da educação, para encarregar-se da IASD como um todo (REBAP, 1926, p. 8, 14).

Não há uma finalidade primordialmente expansiva, relacionado a conquista de novos membros para a igreja, a ser atingida através da fundação de escolas. O alvo primário vinculava-se mais aos filhos dos próprios membros, que necessitavam ser garantidos no processo educativo cristão (REBAP, 1934, p. 14; 1936, p. 14). Existia um foco, sobretudo, na comunidade e membresia que enredava a igreja local, já que as escolas normalmente estavam anexadas aos templos (comum para as escolas denominadas “paroquiais”): “[...] Deve haver uma escola onde existe uma congregação de adventistas” (REBAP, 1936, p. 2; REBEAP, 1940, p. 5).

Todo esse discurso envolvendo a ideia de professores que sejam missionários, escolas em todas as igrejas, a Bíblia como fundamento, jovens discentes como a esperança futura da denominação, demonstra uma conexão muito íntima as diretrizes educacionais de Ellen G. White:

Em todas as nossas igrejas deve haver escolas, e nessas escolas professores que sejam missionários. É essencial que sejam preparados professores para bem desempenharem sua parte na importante obra de educar os filhos dos observadores do sábado, não somente nas ciências, mas nas Escrituras (2013, p. 168, grifo nosso).

Nas primeiras tabelas demonstrativas dos dados das escolas, existe uma curiosa frequência em explicitar a quantidade de alunos que possuíam pais membros

ou não da IASD. O último relato que persiste nesse costume é o de 1936, apontando uma porcentagem de pais membros da igreja superando os 70% (REBAP, 1934, p. 14; 1936, p. 14). Apesar de não propor explicações a esse respeito, não é demasiadamente improvável supor que isso seja o reflexo indireto de uma preocupação, talvez secundária, com o alcance evangelístico deste departamento.

Não somente os estudantes, mas os professores, preferencialmente, residiam nos arredores ou eram membros da igreja em questão (REBAP, 1926, p. 8; 1934, p. 14; 1936, p. 2). Não obstante, os templos deveriam sustentar suas próprias escolas, incluindo o salário dos docentes, o que algumas vezes não se mostrava suficiente, recaindo a responsabilidade financeira sobre o caixa da “Associação Paulista” (REBEAP, 1940, p. 4, 5). White confirma esse caráter localizado, no qual as escolas deveriam ser fundamentadas:

Tanto quanto possível, todos os nossos filhos devem ter o privilégio de uma educação cristã. A fim de provê-la, devemos algumas vezes estabelecer escolas no lar. Bom seria se várias famílias da vizinhança se unissem para empregar um professor humilde, temente a Deus, a fim de dar aos pais o auxílio que é necessário na educação dos filhos (2013, p. 299).

O corpo docente, em quase sua totalidade, era formado pelo sexo feminino. Hosokawa (2001, anexo 13) pontua a existência de um único professor até 1940, José Mendes Rabelo da Escola Primária de São Paulo. Não há informações de nomes masculinos para o cargo antes do informe de 1940. Este anuncia três homens no cargo, de um total de 18 docentes: Antônio d’Assis Bronze da Escola de Presidente Prudente, José Alvarenga Jr. da Escola de Socorro e Pirajá Dias Pinto da Escola de Vila Ipojuca. Nesse sentido, a preeminência feminina na profissão supera os 80% (REBEAP, 1940, p. 1).

O professor Bronze é a figura docente de maior destaque na rede adventista de São Paulo. Seu necrológio foi escrito pela professora Ester Netto com as seguintes informações:

Em 1931, fixou residência em Presidente Prudente, onde foi difundir a luz educacional cristã, fundando uma escola que posteriormente foi denominada Escola Adventista Príncipe de Paz, que alcançou uma matrícula de 160 alunos. Para poder registrar esta Escola, teve que submeter-se a um exame de eficiência pedagógica e didática. Brilhando sempre duplamente, como professor-obreiro, divulgando a luz da verdade e a luz do saber, Assis Nazaré Bronze lecionou vários anos em Marília, Garça, e Mogi das Cruzes, perfazendo um total de

38 anos de magistério efficientíssimo e dedicado. A serenidade, a paciência e o idealismo lhe eram peculiares. (NETTO, 1978, p.26) .

Destacou-se como eficiente professor que lecionou nas escolas mais tradicionais da IASD no interior paulista e deixa uma marca de professor cristão adventista e competência na docência (COELHO, 2015).

Não há nenhuma nomeação de qualquer professor até o relatório de 1936, a qual revela uma lista de nomes, todas mulheres, das docentes até então. Começando pela, já mencionada, Ottília da Silva e seguindo a relação com “[...] Martha M. Ferreira, Yolanda W. Maluf, Maria Zorub, Yolanda P. Karru, Eliza Anversa, e as irmãs Elin Hermanson e Ruth Oberg, do Collegio [...]” (REBAP, 1936, p. 2).

A proporção de professores se manteve em aproximadamente um para cada escola, durante todo período estudado. Desde os primeiros relatórios numéricos de 1934 até 1940 apenas um docente regente em cada instituição, com poucas variações. Esse fato combina com o apelo por mais professores, o que pressupõe a noção presente de insuficiência do número destes, além de fazer compreensível a intenção de preparo dos próprios membros para o cargo (HOSOKAWA, 2001, tabela 11; REBAP, 1934, p. 14; 1936, p. 2, 14; 1938, p. 6; 1940, p. 3; REBEAP, 1940, p. 1, 3, 4, 7). O autor de um desses relatórios foi Renato Emir Oberg, professor do Collegio Adventista que assumiu o departamento de Educação da Associação Paulista de 1936-1940 e foi responsável pela primeira grande iniciativa de regularização das escolas livres adventistas e expansão da rede no estado de São Paulo. (TIMM, 2004, p.271)

A partir das informações de 1934, se iniciam os relatórios numéricos específicos sobre a numeração de escolas em funcionamento (REBAP, 1934, p. 14). Em seguida, todos os relatórios (1936, 1938 e 1940) apresentam atualizações destes dados (REBAP, 1936, p. 14; 1938, p. 6; 1940, p. 3). Em seguida, propõe-se um quadro comparativo entre as informações numéricas de escolas, alunos e professores no período 1932 a 1939, de acordo com a retrospectiva realizada na REBEAP de 1940. Simultaneamente e em paralelo, serão apresentados os mesmos dados referentes ao estudo de Hosokawa (2001, tabela 11).

História educação primária adventista no estado de são paulo: 1920-1940

Anos	Nº Escolas	Nº Professores	Nº Alunos
1932	3	4	98
1933	3	3	98
1934	4	5	144
1935	6	7	188
1936	10	11	296
1937	10	11	302
1938	14	15	463
1939	16	18	648
Anos	Nº Escolas	Nº Professores	Nº Alunos
1932	4	4	110
1933	3	4	142
1934	4	5	144
1935	6	7	172
1936	9	10	252
1937	10	10	302
1938	14	15	463
1939	21	24	596

Relatório Bial de Educação Associação Paulista, 1940, p. 4

Apesar dos dados numéricos, a primeira e única listagem específica que revela os nomes das escolas, dentro do recorte temporal estudado, ocorre apenas no informe de educação em 1940, referente as instituições em funcionamento durante 1939: Bairro dos Farias, Belém, Brigadeiro Tobias, Colégio Adventista (Escola Modelar), Mogi das Cruzes, Pinheiros, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Santa Isaura, Santo Amaro, Santo André, Santos, São Paulo, Socorro, Vila Ipojuca [Lapa] e Vila Matilde (REBEAP, 1940, p. 1).

No período anterior ao relatório de educação de 1940, somente é possível obter apenas algumas evidências do nome ou da localização dessas instituições com sua existência confirmada ou em intenção de criação: Escola Paroquial São Paulo, 1928; Santo Amaro, 1934; Rio Claro (intenção de construção), 1936; Escola Modelar, 1936; Escola na Lapa para Húngaros, 1940 (REBAP, 1928, p. 2; 1934, p. 12; 1936, p. 2; 1940, p. 3).

Os responsáveis pela administração do departamento de educação da associação paulista que revezaram no posto dentro do recorte 1924-40, se

apresentam nos informes em quatro homens. Não há uma datação exata do período que estiveram no cargo. Portanto, a relação a seguir está de acordo com suas primeiras aparições nos informes sobre educação da Associação Paulista: Walter E Murray, 1924; W. B. Westcott, 1926; Querino Dau, 1936; Renato Emir Oberg, 1940 (REBAP, 1924, p. 7; 1926, p. 18; 1936, p. 1; REBMV, 1940, p. 2).

Relatório bienal de educação em 1940 e a oficialização das escolas primárias

Sob a liderança do Pr. Renato Emir Oberg, o departamento de educação inicia uma fase completamente inédita nos relatórios. Um detalhismo nunca visto até então está presente no informativo de 1940. São sete páginas de informações contendo: dados comparativos; listagem atualizada de escolas, alunos e professores; uma inédita nomeação de formandos no primário, com o número de 32 alunos (referente ao ano de 1939); percepções do andamento educacional; tabela de frequência escolar; agradecimentos; expectativas; apelos por maior auxílio nas igrejas e da própria Associação (REBEAP, 1940).

A tônica prevalecente durante este relatório se equilibra entre uma visão que tende a valorizar o progresso constante do departamento educacional até então, mas que simultaneamente entende a necessidade de evolução, também, no sentido quantitativo (REBEAP, 1940). Os dados anteriores são extremamente diferentes com relação a educação, com informações e declarações mínimas quando não fragmentadas em relações aleatórias.

A evidência mais satisfatória que comprova o início dessa nova fase para a educação primária adventista em São Paulo, do ponto de vista desses dados é justamente a aparição e preocupação com os registros oficiais tanto das escolas quanto dos docentes (REBAP, 1940, p. 1). Antes do informe de 1940, não existe sequer uma declaração que preveja algum tipo de atenção em regularizar ou registrar as escolas adventistas de acordo com as formulações governamentais. É plausível perceber essas novas intenções captando a tonalidade de algumas afirmações do próprio diretor do departamento:

História educação primária adventista no estado de são paulo: 1920-1940

Estas 16 escolas com seus 18 professores, todos devidamente legalizados no Departamento de Educação do Estado, conforme o quadro das escolas em folha separada, e se alguns deles não figuram com os números dos respectivos certificados é porque eles não chegaram ainda até as minhas mãos. No ano findo de 1939, trinta e duas crianças completaram o seu curso primário em nossas escolas, recebendo o seu diploma legal [...] (REBEAP, 1940, p. 4).

Além de certificar a legalidade conquistada pelas escolas e professores, essa declaração faz questão de confirmar a oficialização dos diplomas primários. Ainda existe uma tabela informativa acerca das datas e números dos respectivos registros das 16 escolas e 18 professores. Retirando a Escola Modelar, que teria sua oficialização vinculada ao do Colégio Adventista (1916), os registros mais antigos nesta relação seriam da Escola de São Paulo, em 1923, e da docente Diná Apolinário, em 1936. Quase a totalidade desses registros ocorreu entre 1936-1939 (REBEAP, 1940, p. 1).

Pode se afirmar, que esses seriam os primeiros sintomas, da perspectiva dos dados de uma sistematização oficializada do ensino adventista paulista. A própria iniciativa em produzir um relatório como o de 1940, nitidamente mais exaustivo que os anteriores, se configura como uma amostra dessa movimentação pela organização legal.

Essas inferências teriam respaldo, até certo ponto, nas periodizações desenvolvidas por Azevedo (2004) e Schünemann (2009). Azevedo (2004, p. 31) faz uma divisão para a história da educação adventista no Brasil, que inclui duas subdivisões em “[...] estruturação do Sistema (1916-1939); Consolidação das Escolas Primárias de Quatro Séries (1940-1968) [...]”. Já Schünemann (2009, p. 78) entende um período aproximado, partindo “[...] da inserção até 1940, foi marcado pela informalidade, uma vez a legislação brasileira era muito flexível com os sistemas particulares de ensino. O segundo período, entre 1940 e 1971, caracteriza-se pela legalidade [...]”. Ambos compreendem o recorte temporal entre 1939-40 como um marco divisor para o processo de consolidação ou oficialização das escolas adventistas, em nível nacional.

Com isso, se pressupõe duas alternativas cabíveis que possivelmente seriam as motivadoras desse processo: a própria dinâmica de crescimento das escolas haveria, inevitavelmente, pressionado nessa direção e/ou a rede adventista correspondia à algum tipo de projeção externa da sociedade e dos ideais do governo

brasileiro, destacando a época de Vargas que estruturou a educação nacional com forte impacto na educação adventista. Não há como afirmar com certeza, mas há uma única citação verificada nos relatórios que, eventualmente, apontaria uma possível resposta para essa incógnita:

“[...] Embora seja São Paulo o Estado em que mais se tem feito em matéria de Educação no nosso país, a instrução primária, que é o que nos interessa no momento, ainda está longe do ideal dos líderes da nação, e quanto mais do nosso como cristãos. A Igreja Adventista muito se tem esforçado para conseguir sempre um maior raio de ação, mas contudo, se bem que o relatório acuse um crescente e relativamente grande progresso, nós, como igreja, ainda não temos feito a nossa parte” (REBEAP, 1940, p. 3).

Essas afirmações, de Renato Emir Oberg, diretor do Departamento de Educação, poderiam indicar algum tipo de intenção da IASD paulista em desenvolver sua educação, também, de acordo com a pauta governamental. Além disso, é mencionado o ensino exclusivamente primário como de interesse para o momento até então, o que se conecta diretamente ao movimento do “entusiasmo republicano pela educação”, o qual prevê esta instrução basilar como de potencial libertador para a nação e o indivíduo (OLIVEIRA; SILVA, 2002, p. 2-3).

Esse mesmo período se encaixa sob a rigidez da nacionalização compulsória das escolas, por ocasião do Estado Novo de Getúlio Vargas. Francisco Campos (1891-1968) e Gustavo Capanema (1900-1985), ministros da educação de Vargas, incorporaram este processo. Nesse contexto, a aplicação de regras nacionalistas fez com que as escolas étnicas sofressem com a crescente legislação restritiva. Unidades tiveram de fechar, por não disporem de professores nacionais, brasileiros natos, para substituírem os estrangeiros (HORTA, 2010, p. 32-37). Estas determinações exigiam um maior controle das instituições, o que, por consequência, gerava uma pressão em função da oficialização das mesmas que se encontravam ainda sem registro legal (HORTA, 2010; NAGLE, 1976). A partir disso, não é complexo de se inferir a grande possibilidade que existe deste processo ter impulsionado as escolas adventista paulistas em direção a legalização.

Conclusão

Como pode ser percebido, existe uma sinergia entre o desenvolvimento do sistema nacional e estadual de ensino e um empenho da liderança da IASD no Brasil e nos Estados Unidos pelo estabelecimento de escolas nas principais igrejas adventistas fundadas no século XX, na capital e interior do estado de São Paulo.

O sucesso desse empreendimento se deveu em parte pelo entusiasmo educacional republicano e por outro lado, pelo estabelecimento no Seminário Adventista de um Departamento Normal em 1920 que preparou docentes para a escolas paroquiais ou de igreja que surgiram com força no final da década de 1930.

Fundamentados numa filosofia cristã de grande valorização da escola na comunidade religiosa, os adventistas promoveram a formação de uma liderança que estruturou uma rede que se expandiu no estado mais próspero do Brasil

Embora as informações sobre cada escola sejam precárias e praticamente inexistentes, é possível resgatar nos relatórios, prospectos, nas raras narrativas de docentes na Revista Adventista, um vislumbre das práticas educacionais, com valorização da confessionalidade, da espiritualidade, da busca de atividades físicas, cultivo de horta, uma educação com aspectos práticos e proximidade com a natureza.

A busca pelo equilíbrio financeiro resultou no fechamento de escolas deficitárias e promoveu uma intensa busca de apoio dos membros com filhos em idade escolar. A responsabilização dos pais pela salvação espiritual das crianças gerou em muitas comunidades escolas sólidas caminhando para um século de existência.

A Escola Modelar do Seminário Adventista numa foi interrompida na oferta de matrículas para a incipiente comunidade escolar e após sua oficialização como curso Ginásial, em 1939, na gestão do Pastor Domingos P. da Silva, abriu caminho para estruturação do ensino secundário do Colégio Adventista Brasileiro nos anos 1940.

Índice de Abreviações

IASD - Igreja Adventista do Sétimo Dia

REBAP - Relatório Bienal Associação Paulista

REBEAP - Relatório Bienal de Educação Associação Paulista

REBMV - Relatório Bienal dos Missionários Voluntários

PA - Prospecto Annual do Seminário Adventista

Referências

- AZEVEDO, Roberto César. **O ensino adventista de nível fundamental no Brasil**. In: TIMM, Alberto R. *A Educação Adventista no Brasil: Uma História de Aventuras e Milagres*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2004. p. 31-50.
- ARAÚJO, G. R. **Práticas Educacionais das Escolas Paroquiais Adventistas no Estado de Santa Catarina (1930-1945)**. 2002. Monografia. UNASP SP.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.
- COELHO, Sonia Regina. **A Escola Mista da Cachoeira Grande em Presidente Prudente: um panorama histórico**. Rio Claro, 2015. Tese (Doutorado) UNESP IGCE.
- CORREIO PAULISTANO. **Recuperada a Terra de Santo Amaro para o Trabalho Agrícola**. São Paulo, domingo, 18 set. 1949, p.12. Acesso 9 de outubro de 2020. http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/44058
- DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Sexta-feira. 01.05.1936, p.11.
- DOUGLAS, H. E. **Mensagem do Senhor**. Tatuí: CPB, 2001.
- FERREIRA, A. E. C. S; CARVALHO, C. H. **Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudo das mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930)**. *Encontro de pesquisa em educação do centro-oeste*, v. 12, p. 30-45, 2014. Disponível em: http://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Ana-Em%C3%ADlia-Cordeiro-Souto-Ferreira_-_Carlos-Henrique-de-Carvalho.pdf Acesso em: 12 mai 2020.
- GREENLEAF, Floyd. **Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul**. Tatuí: CPB, 2011.
- GROSS, Renato. **Colégio Internacional de Curitiba**. Rio de Janeiro: Collins, 1996.
- DIAS, Márcio Guarda. **UNASP - muito além do ensino: 100 anos de história (1915-2015)**. Hortolândia: Multicomm, 2015.
- HORTA, J. S. B. **Gustavo Capanema**. Recife: Massangana, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4702.pdf> Acesso em: 25.set.20.
- HOSOKAWA, Elder. **Da colina, rumo ao mar: Colégio Adventista Brasileiro em Santo Amaro (1915-1947)**. Dissertação de Mestrado - FFLCH-USP, 2001.
- _____. **Escolas Adventistas em SP: 1920-2020**. Texto inédito. 2020.
- KNIGHT, G. R. **Uma igreja mundial: breve história dos ASD**. Tatuí: CPB, 2000.
- _____. **Filosofia e Educação: uma introdução da perspectiva Cristã**. 2. ed. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2001.
- KREUTZ, L. **A educação de imigrantes no Brasil**. p. 347-370, 2000. In. LOPES, E. M. et all. (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. **Escolas étnicas no Brasil e a formação do Estado nacional: a nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945)**. *Poiésis*, v. 3, n. 5, p. 71-84, 2010. Acesso em: 18, abr. 2020. Disponível em:

<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/527>

LAND, Gary. **Historical dictionary of SDA**. Oxford: Scarecrow Press, 2005.

LIMA, Odete G. X. de. **Conte-me a sua história: histórias reais de esposas de pastores no cumprimento da missão evangélica**. Campinas: Certeza Editorial, 2010.

LUNDQUIST, Harry. “Associação de Paes e Mestres - Sua Organização”. **Revista Adventista**. Setembro de 1934, p. 6-7.

MARCÍLIO, Maria Luiza. História da escola em São Paulo e no Brasil. **Revista da FAEEBA**, v. 14, n. 24, p. 13-17, 2005. Acesso em: 25, mar. 2020. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/issue/download/233/132#page=99>

MARCONI, Juliana Guedes Dos Santos; NETO, Luiz Bezerra. Modernidade e sociedade brasileira: “entusiasmo”, “otimismo” e iniciativas libertárias na educação. **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 12, n. 46, p. 205-218, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640081/7640>

Acesso em: 14 abr 2020.

NAGLE, J. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1976.

NETTO, Esther. “Assis Nazaré Bronze: ele se consumiu iluminando...” **Revista Adventista**. Maio de 1978, p. 26.

OLIVEIRA, V. S; SILVA, R. F. O “Entusiasmo pela Educação” na Primeira República: uma perspectiva de progresso político-social no Brasil. **II Congresso Brasileiro de História da Educação**. 2002. Acesso.17 abr 2020. Disponível: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema2/0212.pdf>.

ROSA, E; SILVA, G. **100 anos conduzindo vidas em São Paulo**. Tatuí: CPB, 2006.

SANTOS, João Marcos Leitão. Religião e Educação: Contribuição Protestante à Educação Brasileira. **Tóp. Educ.** v. 17, n. 1-3, p. 113-151, Recife, 2007.

Acesso em: 12, mai. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/viewFile/22448/18634>

SCHUNEMANN, H.E.S. O desenvolvimento das escolas paroquiais adventistas no Brasil. **Comunicações**, v. 12, n. 1, p. 89-103, 2005.

_____ A Educação Confessional Fundamentalista no Brasil Atual: Uma análise do sistema escolar da IASD. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 9, set., p. 71-97, 2009. Disponível em:

https://www.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_schunemann.pdf Acesso em: 05.abr.20.

SILVA, Otília. “Da Escola de Santo Amaro”. **Revista Adventista**. Out. de 1935, p.15.

SIMON, Albertina R. **Uma vida a serviço de Deus: autobiografia Albertina Rodrigues Simon**. São Paulo: Editora Universitária Adventista, 1991.

TIMM, Alberto R. **A Educação Adventista no Brasil: Uma História de Aventuras e Milagres**. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2004.

TONETTI, Márcio. (Ed.) **O SEMINARISTA**. CPB, 2020.

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. Contribuição protestante à reforma da educação pública paulista. **Comunicações**, v. 9, n. 1, p. 256-274, 2002. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/viewFile/1603/993> Acesso em: 4, abr. 2020.

VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. **Vida e obra de Guilherme Stein Jr.:** raízes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Tatuí: CPB, 1995.

WHITE, Ellen G. **Educação.** Tatuí: CPB, 1996.

WORDELL, Eleni Hosokawa. **Comparação da Prática Pedagógica da Escola Adventista Catarinense nas Décadas de 30 a 60 com a Atual.** Sociedade Paranaense de Ensino. 2002. Orientador: Cíntia Regina Tezzi.